

PAULINA CAMPELO MACEDO
UMA PORTUGUESA NA IMPRENSA BRASILEIRA DA
PRIMEIRA REPÚBLICA

EDUARDO DA CRUZ

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
eduardodacruz@gmail.com

RESUMO: A escritora e educadora portuguesa Paulina Campelo Macedo (21/04/1873 - 14/09/1931), ainda jovem, emigrou para o Rio de Janeiro, onde passou a participar ativamente da vida cultural da colônia portuguesa nessa cidade. Destaca-se em sua carreira a participação no jornal dirigido a seus conterrâneos, o *União Portuguesa*, desde 1899, publicando pequenas narrativas e poemas, além de breves artigos laudatórios e sobre educação. Foi, contudo, seu trabalho como articulista em um dos principais periódicos brasileiros da primeira república, *O Paiz*, diário de grande circulação, assinando com o pseudônimo de Lia de Santa Clara até a década de 1920, que permitiu que ela atingisse novos leitores e conseguisse publicar suas obras em outros títulos da imprensa. Após rastreamos suas colaborações em jornais e revistas, procuramos, neste trabalho, perceber como sua situação marginal de mulher e estrangeira aparece representada em seus textos, tanto naqueles dirigidos aos imigrantes como ela, quanto nos que podiam alcançar o público brasileiro em geral.

PALAVRAS-CHAVE: escrita feminina; imprensa periódica; relações luso-brasileiras; imigração.

PAULINA CAMPELO MACEDO. A Portuguese woman in Brazilian's newspapers of the First Republic

ABSTRACT: At an early age the writer and teacher Paulina Campelo Macedo (21/04/1873 - 14/09/1931), emigrated to Rio de Janeiro, where she began to participate actively in the cultural life of the Portuguese colony in that city. Highlights in her career are her participation since 1899 in the newspaper addressed to her fellow Portuguese, *União Portuguesa*, where she published short stories and poems, as well as brief laudatory articles and texts on education. However, it was her work as a writer in one of Brazil's main dailies of the First Republic, *O Paiz*, signing with the pseudonym Lia de Santa Clara until the 1920s, which allowed her to reach new readers and publish her works in other titles of the Brazilian press. Exploring her collaborations in newspapers and magazines, this essay seeks to examine how Campelo Macedo's marginal position as a woman and a foreigner is represented in her writings, both those aimed at immigrants like herself, as well as in those through which she could reach the Brazilian public in general.

KEYWORDS: women's writing; periodical press; Luso-Brazilian relations; immigration

*Obrigada a deixar patria amada,
Tudo, tudo tem sido fatal,
A desgraça foi minha aliada
Aqui longe do meu Portugal.*

PAULINA CAMPELO MACEDO

Como imaginamos que essa escritora seja desconhecida da maioria dos leitores, mesmo daqueles que se interessam pelas obras de escritoras portuguesas, assim como era para nós até uns dois anos atrás, quando nos deparamos com seu nome ao folhear um volume do *União Portuguesa* no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, achamos que a melhor forma de apresentá-la seria a partir de sua própria obra. Por isso a escolha dessa quadra como epígrafe, parte do poema “Lamentos”, datado de 21 de abril de 1899, dia do seu aniversário de 26 anos.

Apesar do caráter autobiográfico que se percebe no poema, como a infância em Vila do Conde, onde nasceu, com passeios pelo rio Ave e pela praia, a morte do pai, e a necessidade de emigrar, interessa-nos, sobretudo, destacar nessa leitura alguns temas que são recorrentes em sua produção literária, como a condição de mulher, de portuguesa, de imigrante, além dos relacionamentos amorosos que não duram, como nos versos “Houve um dia que em meu coração/ Eu julguei a ventura pulsar, / [...] // Mas mentira!... Era novo desgosto” (Campello, 25/04/1899).

Cabe destacar, contudo, que Paulina Campelo Macedo não tem uma obra vasta. Parece que não chegou a publicar nenhum livro, tendo apenas colaborado em alguns poucos periódicos. Sua carreira na imprensa brasileira, que resumimos aqui, começa justamente no *União Portuguesa*, que trazia o subtítulo “Órgão dos interesses portugueses no Brasil”, surgido em 8 de março de 1896, publicado no Rio de Janeiro duas vezes por semana com notícias de Portugal, inclusive de várias localidades do interior e das colônias na África e Ásia, também das associações portuguesas no Brasil. Esse jornal também fazia questão de celebrar datas importantes como os aniversários dos monarcas, o dia de Camões, o 1 de dezembro, etc. Além disso, em suas quatro páginas, das quais uma inteira e mais uma parte eram ocupadas com propagandas, havia um ou dois folhetins (originais, ou republicação de textos portugueses, ou traduções) e pequenos textos literários ou de opinião espalhados —é principalmente aí que se encontram os escritos de Paulina Campelo, ou Paulina Macedo, como passa a assinar após se casar com o empresário e também escritor João da Costa Macedo. São alguns artigos de opinião, principalmente sobre educação, poemas, contos e um folhetim, a tradução de *Rudin*, de Ivan Tourgueniev¹.

¹ Nem todos os anos publicados puderam ser consultados. O Real Gabinete só possui os volumes de 1899 e 1904. Na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, o volume de 1903 não pode ser consultado por estar em mau estado e, dos anos 1896 a 1898 só há o primeiro número microfilmado. Acreditamos que possa ainda haver mais textos da Paulina em 1903, além da continuação da publicação do folhetim que não chegou ao fim em 1902.

Ainda enquanto colaboradora do *União*, publica um conto na *Revista da Semana*, na qual só voltará a colaborar em 1921, com duas crônicas, assinando pelo pseudônimo que passou a utilizar durante sua colaboração n' *O Paiz*, entre 1915 e 1922, ano em que parece desaparecer da imprensa até traduzir uma breve narrativa para o *Diário de Notícias* no ano de sua morte, em 1931. É como colaboradora d' *O Paiz* que ela passa a ser reconhecida e é o que destacam de sua obra em seus obituários². Afinal, esse jornal se orgulhava de ser “a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina”, informação que estampou por décadas junto ao título. Mesmo que no período em que publicava a Paulina, ou melhor, Lia de Santa Clara, como assinava, não fosse a maior tiragem latino-americana, ainda era um dos principais periódicos brasileiros. Alguns de seus textos foram ainda reproduzidos no *Jornal das Moças* e em outras cidades, como no *Diário da Manhã*, de Vitória (ES), e o *Diário de Pernambuco*, de Recife.

Apesar de ter publicado na imprensa brasileira por tantos anos, sofre o apagamento de seu nome e de sua obra. Seus descendentes ainda lembram da antepassada escritora, mas nada foi guardado. Ela sofre do mesmo mal de muitas outras suas contemporâneas, como bem resume Constância Lima Duarte ao lembrar as “mulheres anarquivadas”:

² Os jornais cariocas destacaram, em obituários, a sua atuação como escritora e educadora: “D. Paulina Campello — [...] A extinta era dotada de grandes virtudes pelo seu bondoso coração e sua inteligência privilegiada. Educadora, fundou um grande colégio em Santa Teresa muito frequentado pelas filhas dos habitantes desse bairro, colégio esse que apesar de muito frequentado desapareceu há tempos por motivo de força maior e com grande pesar de sua distinta diretora. D. Paulina Macedo escreveu em vários jornais e revistas desta capital, com o pseudônimo literário de Lia de Santa Clara!” (“Fallecimentos” 1931a); “Durante muitos anos, manteve a extinta, às suas expensas, um colégio em Santa Teresa, no qual prestou os mais relevantes benefícios à meninada da localidade, fornecendo-lhe, além da educação, roupas e alimentos. Como escritora, militou a Senhora D. Paulina de Macedo no ‘O Paiz’, sob o pseudônimo de Lia de Santa Clara, cujas crônicas causaram o maior sucesso em nosso meio social” (“Fallecimentos” 1931b).

Curiosamente, foi a timidez doentia das nossas moças, a sua inércia, que ficou registrada na história nacional. As outras – as exceções – foram sistematicamente ignoradas e alijadas da memória canônica do arquivo oficial. E foi tão sistemático este trabalho de alijamento, que quem se aventurasse depois a buscar as que romperam o silêncio precisava enfrentar a desordem, o vazio, o “arquivo do mal”, na arguta expressão de Derrida (Duarte, 2009: 12).

Levantar a obra de Paulina Campelo Macedo hoje é um duro trabalho de escavação por ter que lidar com dois apagamentos, o das mulheres escritoras e o dos portugueses que escreviam no Brasil. Mesmo nos mais recentes dicionários sobre escritoras brasileiras ou portuguesas seu nome praticamente não aparece. No *Feminae - dicionário contemporâneo*, há um verbete³ sobre ela, não por sua vida literária brasileira, mas por ter se proposto a ser professora auxiliar na cadeira de Língua Francesa na candidatura ao ensino secundário feminino nos novos liceus que seriam criados em 1890. No *Dicionário de Mulheres do Brasil*⁴, apesar de indicar que ela foi “mestra de várias gerações, escritora conhecida e admirada sob o pseudônimo de Lia de Santa Clara”, seu nome consta apenas como dona da escola no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, como referência de onde estudou a declamadora e escultora Margarida Lopes de Almeida, filha da escritora Júlia Lopes de Almeida e do poeta Felinto de Almeida, sem merecer um verbete próprio. Afinal, até onde sabemos, não foi escritora publicada em Portugal e, no Brasil, era uma portuguesa.

Todavia, quem percorrer a imprensa da colônia portuguesa no Rio de Janeiro na virada na virada do século XIX para o XX não pode ignorar a presença de Paulina Campelo. Dentre os mais de 50⁵ títulos fundados entre 1833 e 1899, rara é a presença feminina e, quando ocorre, são colaborações enviadas ou copiadas de Portugal, o que jus-

³ De autoria de Ana Cristina Oliveira. Dicionário organizado por João Esteves e Zília Osório de Castro.

⁴ Organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. 2ª ed. 2000.

⁵ São 55 criados entre 1833 e 1899 (Cruz, 2015).

tifica a presença pontual de nomes como Antónia Pusich, Maria José da Silva Canuto, Maria Peregrina de Sousa, Amélia Janny, e poucas outras. Isso se justifica em parte pela própria característica da imigração portuguesa ao longo do Oitocentos, “marcada pela expressiva chegada de meninos-homem para as casas comerciais” (Menezes, 2007: 112). Mesmo durante o período da “Grande Imigração”, entre 1800-1914 (Menezes, 2007: 105), quando há um aumento significativo do número de imigrantes portuguesas, principalmente casadas, as mulheres continuam a ser minoria. Segundo os dados dos censos brasileiros analisados por Lená Menezes, no caso dos portugueses no Rio de Janeiro, “as mulheres representavam pouco mais de 35% em 1920, contra mais de 28% e 1906” (2007: 114), isso devido a uma “tendência de crescimento da imigração familiar” (2007: 115). Por outro lado, o que se via ao longo do século XIX era uma preocupação das autoridades consulares e associações beneficentes portuguesas com a chegada de mulheres solteiras, com reiteradas “alusões à prostituição, que aparece como a ocupação predominantes dessas portuguesas que emigravam sozinhas para o Brasil” (Silva, 1986: 655). Já nos primeiros anos do séc. XX, a ocupação predominante, segundo as estatísticas, era o serviço doméstico —inclusive, no próprio *União Portuguesa* há diversos anúncios de moças que se oferecem e famílias que contratam para esse trabalho—, mas também na indústria. Percebe-se, por outro lado, o incremento de “oportunidades de trabalho assalariado feminino em escolas” (Silva, 1986: 659) no final do séc. XIX.

Daí até o reconhecimento como “mulher de letras” há uma distância grande. Contudo, tanto o *União Portuguesa* quanto o *Portugal Moderno*, seu contemporâneo, trazem significativa participação feminina, não apenas copiando textos publicados do outro lado do Atlântico, como recebendo colaboração local, tanto de brasileiras quanto de portuguesas. Se o *Portugal Moderno* chega a exaltar algumas escritoras portuguesas que residiram no Brasil, como Branca Gonta Colaço (1880-1945), filha de Tomás Ribeiro, ou Ana de Castro Osório (1872-1935), colaboradora dessa folha, a grande prestigiada do *União Portuguesa* é Paulina Macedo, que não teve, como essas duas, carreira literária em Portugal ou família que a tornasse conhecida.

Em primeira colaboração, conta Paulina Campelo:

Com uma amabilidade extraordinária e uma benevolência sem limites, houve uma pessoa, distinto litterato, que me convidou a uma conversa sobre a nossa formosíssima lingua.

Acceitei o convite como um dos maiores prazeres que poderei ter n’este valle de lagrimas, que se chama vida e aonde tanto, tanto precisamos de lenitivo e consolo! (Campello, 01/02/1899: 2)

Talvez tenha sido o proprietário e redator do *União*, Eugênio Silveira, o “distinto litterato”. Porque, já em 7 de março de 1904, no número comemorativo de 9 anos, quando são publicados os retratos dos 18 principais responsáveis pelo sucesso da folha, que há alguns anos exaltava a tiragem de 15.000 exemplares, a única mulher representada é Paulina Campelo Macedo, indicada como “colaboradora” (*União Portuguesa*, 07/03/1904: 1). O mesmo retrato será publicado outras duas vezes. Em 31 de julho do mesmo ano, celebrando o sucesso da conferência sobre educação que ela proferiu na sessão do *Retiro Literário Português* —tão elogiada que foi publicada em três números desse periódico e lhe abriu espaço para, além desta, fazer uma sobre d. Amélia em 29 de outubro do mesmo ano, também ovacionada tanto no *União* quanto no *Portugal Moderno*, mas sem ter sido publicada. E em 21 de abril de 1907, comemorando o aniversário dessa “escritora, poetisa e oradora de elevadissimo merito [...] muito illustrada, conhecendo a fundo varios idiomas, exerce com o mais alto criterio a profissão de professorado livre” (*União Portuguesa*, 21/04/1907: 1).

Contudo, é preciso questionar qual é o lugar de Paulina nesse jornal para ser assim festejada. Acompanhamos essa questão de outra que há algum tempo nos fazemos: qual seria o papel dessa imprensa escrita e dirigida para os imigrantes portugueses? Diferentemente de outras colônias como a dos italianos ou a dos japoneses, por exemplo, a distinção entre um brasileiro e um português era razoavelmente tênue, com culturas muito próximas (sobretudo se nos restringirmos ao

público letrado da cidade do Rio de Janeiro no final do Oitocentos) para justificar a criação de periódicos próprios, como aconteceu. Ao mesmo tempo, a diferença de nacionalidade era reforçada por parte da imprensa periódica brasileira da primeira república.

Mesmo que certo preconceito contra os portugueses fosse notado desde a independência, Nelson Werneck Sodré afirma na *História da Imprensa no Brasil* que a lusofobia é clara nas páginas dos jornais cariocas da última década do século XIX, como *O Jacobino* (1894-1897) e *O Nacionalista*. Segundo esse historiador, nos primeiros anos da república, “a exaltação da política da época está integralmente retratada na imprensa” (Sodré, 2011: 388) e alguns dos periódicos florianistas se especializavam em incentivar a lusofobia: “não só a praticava pela divulgação de anedotas com que achincalhava os portugueses e eram repetidas pelos cafés, rodas de rua, salões e até nos palcos que representavam revistas como pela publicação de notícias” (Sodré, 2011: 390).

Do lado luso, além de lutar em defesa dos interesses de seus patrícios, o conjunto de todo o conteúdo do *União Portuguesa* reconstitui de certo modo o imaginário nacionalista português na ex-colônia. Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (1ª ed. 1983), aponta o papel dos jornais como “produto cultural”, “com seu caráter profundamente ficcional”, chamando a atenção para a “arbitrariedade na inclusão e justaposição” dos fatos, cujo “vínculo imaginário provém de duas fontes indiretamente relacionadas. A primeira é a simples coincidência cronológica. A data no alto do jornal” (Anderson, 2008: 65). A segunda consiste em sua leitura, “a ‘forma extrema’ do livro” publicado em larga escala e de rápida obsolescência que cria “uma extraordinária cerimônia de massa: o consumo (a ‘criação de imagens’) quase totalmente simultâneo do jornal-como-ficção” (Anderson, 2008: 67-68).

Assim, por um lado, os textos de Paulina Campelo ajudam a reforçar a imagem dos imigrantes portugueses como povo guerreiro, navegador e imperialista. Como em sua crônica sobre a ida ao Rio de Janeiro do cruzador português D. Carlos, cujo comandante:

figura guerreira e nobre, recorda-nos os nossos heróis, e os seus feitos illustres, aquelles quasi phantasticos que fizeram de Portugal o primeiro paiz do mundo. Nos distinctos officiaes e marinheiros garbosos revemos essa phalange de defensores ousados, essa constellação de bravos navegadores que foram, não só a gloria de Portugal, como a honra da humanidade. E é por isso que a colonia portugueza, vibrante de entusiasmo, trêmula de commoção, os olhos marejados de lagrimas e o peito a pulsar de amor, vem, electrisada e vehemente, saudar o emblema da sua patria, o glorioso pendão portuguez, o embaixador illustre, a marinha distinctissima. (Campello, 22/04/1900: 2)

Ou ainda a reação contra a opinião de que “os nossos poetas erravam muito e fatalmente, pois que a nossa pronúncia e a nossa supressão de sylabas, quando fallamos, não nos permittia boa rima e metrificaçã!...” (Campello, 10/09/1899: 3). Ou ainda o ódio ao inglês, eco do *ultimatum*, sentido na crônica “Episodio no mar” (Macedo, 24/03/1901: 3), sobre uma competição entre dois vapores de cabotagem na costa do Brasil, um inglês e outro capitaneado por um português, que consegue chegar a salvo em Recife enquanto o inglês naufragara. Também reforçado pela guerra dos boers, assunto recorrente no *União*, aproveitado por Paulina para o poema “Na Guerra” (“Combatem com furor dois entes: Bem e Mal./ Aquelle heroico e bom defende a patria querida. /Mas este qual ladrão lhes diz: vosso oiro ou a vida.” (Campello, 01/03/1900: 2) e ainda para o conto “O Prêmio”, no qual o jovem Raul chora não poder ter a mulher que ama, mas, incentivado pela mãe, que diz: “Outr’ora, eram estes mares abertos por lusos galeões [...] Nos reinos de Neptuno desvendavam nossos maiores caminhos ignorados. E, depois de tantas glorias, vemos a famosa Albião passar impavida e orgulhosa, dizendo á humanidade: *Tudo isto será nosso.*”(Campello, 29/03/1900: 1), voluntaria-se para lutar na África contra a Inglaterra e, na volta, consegue como prêmio por sua valentia aquela que amava.

No fundo, a recorrência do mar ou da praia em suas narrativas, mesmo que não envolvam o tema marcial, corroboram a ligação cultural dessa nação com as navegações, criando uma verdadeira “união portuguesa” além da “ocidental praia Lusitana”. Por outro lado, alguns de seus textos mostram que as mulheres não faziam parte facilmente desse passado de “armas e barões assinalados”.

No conto “Consequências”, numa releitura garrettiana, Joanninha, costureira de uma loja no Porto, ao voltar para casa uma tarde, cruzou olhares com um jovem rapaz, o Visconde de N. “Pois bem! Estes olhares causaram isto: Joanninha amou-o, e elle o visconde de N. desejou-a. Na distancia que vae do desejo ao amor ha um abysmo onde ella se atirou. Pobre Joanninha!” (Campello, 02/12/1900: 3). Pois a jovem acreditou nos juramentos do fidalgo e se entregou a ele. Comenta o narrador:

E quando uma pobre mulher, no momento em que o seu coração sente pela vez primeira o fogo intenso de um veemente amor, tem, para responder aos seus impetos, um olhar arrebatador e umas palavras de mel, uns braços de fogo e umas meiguices estonteantes, a mulher[,] a pobre mulher ludibriada, esquece-se e abysma-se, enlouquece e perde-se. Depois, passado esse momento de loucura, quando ella levanta os olhos do seu abysmo para o homem que a perdeu, vê-o que segue ao longe serenamente, olhando-a como um incidente, ligando-a a uma aventura. Pobre Joanninha! (Campello, 02/12/1900: 3)

Joanninha perde o emprego, passa a ser mal vista pela sociedade e passa a ter que pedir esmolas e a vender castanhas assadas para sustentar seu filho. Num dia frio de inverno, uma carruagem passa, um fidalgo nota a beleza da criancinha e “lança, com toda a generosidade de fidalgo rico, uma moeda de prata para a creança linda. O pequenito era seu filho!” (Campello, 02/12/1900: 3). Que ele não reconheceu, claro.

Outra consequência na vida das mulheres que se entregam livremente ao amor é o tema do conto “Leviana”, dedicado a João Macedo, que mais tarde seria seu marido, sobre uma jovem que acreditava no amor, mas fora abandonada diversas vezes sem que nenhum de seus relacionamentos seguisse até o casamento, restando a ela apenas a companhia da mãe.

E por isso ella amou uma outra vez ainda, e mais outra, e outra. Era leviana? Não. Sentia a necessidade de um ente a quem se elevasse nos arrebatamentos da paixão, a quem communicasse os effluvios da sua natureza ardente, em quem empregasse o sublime sentimento de abnegação que adornava essa alma. Tinha motivos para descreer, mas pensa por acaso a mulher quando é guiada pelo mais forte dos sentimentos, o amor? Elles, os homens, que a enganavam, esses, sim, eram os incostantes, os voluveis, os destruidores dos mais bellos ideaes; o mundo malevolo a calumniava, era a sociedade de perversos que não comprehendia a ternura de tão formosa alma. Leviana? Não. Infeliz? Talvez. (Campello, 23/11/1899: 2)

É situação parecida com a mulher de trinta anos do conto “Na queda” que, todas as manhãs,

ia, graciosa, ligeira e sedutora, mergulhar-se no crystal do mar, n'esse mar, que a attrahia, e no qual ella se atirava dolentemente, deixando-se baloiçar pelas ondulações das aguas, ou, então, deslizando suavemente, até se perder de vista, na vastidão d'essa planicie azul. Da praia muitos olhos a seguiam e muitos peitos arfavam com a violencia do desejo. (Macedo, 20/06/1901: 1)

Aquele que a desejava mais era o Roberto, que a acompanhava com o olhar todos os dias, até que, numa manhã em que o mar se apresentava revoltado, ela é levada por um turbilhão. Seu admirador lança-se às ondas e a resgata. Ela, agradecida, entrega-se a ele.

Então ela lançou-lhe os braços ao pescoço e n'um rapto de paixão beijou fremente aquelles olhos que pela ultima vez a viam sob um ninho de angelical pureza. E facilmente, muito facilmente se deixa levar nas mais estonteantes caricias. Tão facilmente, até, que quase por encanto, qual bando de aves a desaparecer no horisonte, se desfez toda a belleza casta que elle amára n'ella.

Assim estiveram uma hora, uma hora de amor e delirio sobre o leito espumoso do mar e sob o docel immenso do céu. Depois elle lembrou-lhe que era preciso voltar porque já seria notada a demora e como ella se dissesse extenuada elle levou-a outra vez no seu braço; mas que differença, Deus meu! (Campello, 23/11/1899: 2)

Em no dia seguinte, Roberto não a desejava mais. Era, para ele, “uma mulher vulgar”.

É possível notar, contudo, que as personagens de seus contos são mulheres que, mesmo sofrendo as consequências, são donas de si, entregando seus sentimentos e mesmo seus corpos livremente. O problema não estava, segundo parece ser o olhar de Paulina Campelo, na liberdade amorosa, mas na posição dominadora masculina da sociedade que punia as mulheres que se entregavam a seus desejos. A ponto de outra personagem, também sem nome, agora no conto “Delírio”, ouvir no murmúrio das ondas “a voz melodiosa do seu amante, dizendo-lhe baixinho palavras quentes de amor, frases loucas de afeição” (Macedo, 25/04/1901: 2). Na exaltação desse delírio, deixou-se levar pela ilusão e morrer pela entrega amorosa ao mar, na tradição das cantigas de amigo:

Seu peito arfava com o arquear das ondas; vae se inclinndo, attrahida por magicos encantos até que no auge do abandono, louca e desvairada, se atira nos braços do amante, no leito do Oceano, onde, ainda hoje, dorme o eterno somno que o amor povoa de sonhos irrealisaveis. (Macedo, 25/04/1901: 2)

No conto “Que susto”, no entanto, encontramos uma mulher que não apenas é dona de seu destino, ama e é correspondida, como ainda é capaz de subjugar os homens que a cortejam.

Quando Carolina ia a algum baile era admirada como uma excentrica, querida como uma belleza, requestada como uma victoria, um impossivel, um trophéo. Mas a todos resistia e nenhum se gloriava de receber um sorriso promettedor e os seus olhos escuros como a noite, lançavam como o luar seus raios indistinctamente. (Macedo, 28/02/1901: 3)

Em um desses bailes, um pretendente aproximou-se dela e pediu uma esperança, pois para ele era o amor ou a morte. Como todos olhavam para os dois, ela concordou em encontrar-se com ele no dia seguinte. Quando se viram, ele estava feliz pois acreditava na esperança que aquele encontro prometia, mas ela o fez lembrar-se da promessa de amor ou morte. Ela estava disposta a matá-lo para que cumprisse o prometido. Ele, assustado, solta algumas desculpas e deixa-a. “Findara o ataque de amor sob um ataque de susto e a espirotuosa Carolina cala-o com uma gargalhada.” (Macedo, 28/02/1901: 3)

Já em “Incompatibilidade” narra-se o caso de um jovem casal nascido no Minho. O namoro é feliz, segue-se o casamento. “A noiva, o coração em fogo, o noivo... já em fogo o trazia ha muito. - Foi boa a lua de mel, mas teve emfim o seu minguante.” O problema não estava na esposa, “rapariga gentil e instruida”, mas no marido, que era escritor. “Elle, saudoso dos livros e do estudo, encontrava pouco mysterio no coração feminino; ella, toda ternura, abrazada d'um amor crescente, achava pouco incentivo no peito de seu marido.” A noiva tinha desejos que ele não era capaz de satisfazer plenamente. O conto termina com a explicação: “É que no coração do homem não ha lugar para duas paixões, como no da mulher, espaço que possa occultar o seu immenso amor” (Campello, 11/02/1900: 2). Logo, é possível inferir que o coração feminino tem espaço para duas paixões, ela pode ser amante e letrada, o homem não.

Apesar dessa defesa da capacidade feminina de ser esposa e escritora, é como educadora que Paulina vai se destacar. Sua palestra sobre educação, estreado como oradora no Retiro Literário Português numa sessão especialmente presidida pelo ministro de Portugal, alça seu nome como representante de toda a comunidade portuguesa, não apenas como colaboradora do *União*, mas consagrada por um grupo de literatos portugueses ali presentes, inclusive pelo proprietário e redator do jornal *Portugal Moderno*, que a elogia publicamente em suas páginas. Sucesso que se repetiu na conferência sobre a rainha d. Amélia, como informa o mesmo *Portugal Moderno*: “mais uma vez um trabalho magnífico, quer na forma, quer na essência, de estylo perfeitamente burilado, e de estudo consciencioso e profundo da augusta personalidade a que se referiu e foi dedicado. Todo o auditorio victoriou a illustre dama ao terminar o seu discurso [...]” (*Portugal Moderno*, 30/07/1904: 2).

Não temos acesso hoje à sua conferência sobre d. Amélia, pois, apesar de ter sido elogiada, não foi resgatada pela imprensa nem ficou arquivada. O próprio Retiro Literário precisa ter sua memória reconstituída, pois seus registros, seus manuscritos, perderam-se com o fim da instituição. No caso de Paulina, a abertura de sua palestra sobre educação em uma casa majoritariamente masculina destaca sua humildade, necessária na época para as mulheres poderem se mostrar publicamente como pensadoras. “Não me agrada uma senhora sabia ou doutora [...] Prefiro a mulher no seu poetico mister de esposa e mãe, espargindo sorrisos, pérolisando lagrimas e difundindo esperanças”, dizia ela para, em seguida, lembrar os nomes de algumas escritoras reconhecidas pelo público. “Mas isto são excepções pomposas, meteoros raros que fulgem na noite da vida, condores que adejam senhoris entre os bandos de avesinhas” (Macedo, 31/07/1904: 2).

Suas ideias sobre educação passam pelo conhecimento do que está próximo às crianças antes de obrigá-las a decorar nomes e fórmulas. Ensinar o riacho que corre ao pé de casa antes de apresentar os grandes rios nos mapas, por exemplo. Aproveitar as aptidões dos jovens incentivando-os a buscar mais informações sobre os temas de

que mais gostam, tornando agradável a formação, não uma imposição. E, sobretudo, valorizar a pátria portuguesa, sua História, suas lendas, sua religião, sua literatura e sua língua. Aliada a tudo isso, a moral, contra os maus costumes e a prática de tratar como adultos as crianças. Seus exemplos passam, ainda, muito mais pela situação feminina do que a dos meninos, sem esquecer, contudo, que seu público é predominantemente masculino.

Supponde uma mulher formosa: na cutis o setim da seda, nos olhos o negro do onyx, na bocca o rubro das papilas e em toda ella a perfeição de Venus. Supponde tudo isto e ainda muito mais, mas, se, quando a interrogardes, ella vos responder com erros ou parvoices, que acontece a tanta belleza? Apaga-se, desaparece. E vossos olhos que a observavam estacticos fecham-se esmorecidos.

Imaginae tambem uma mulher illustrada, fallando as linguas, tocando divinamente e cantando ainda melhor; mas dolente e requebrada, sabendo viver apenas como a odalisca entre gozos, ou qual Narciso a mirar-se. Desconhecendo agruras da vida para só lhe libar prazeres, fugindo das realidades, para affagar encantos.

Que lhe acontece tambem? Que a temeis e evitaes.

Isto nos prova que a educação, para que seja completa e boa, intelligente e sabia, deve abraçar o intellecto e a moral. (Macedo, 31/07/1904: 2)

Curioso é não encontrarmos nenhuma outra publicação dela entre seu último conto no *União Portuguesa*, “Nobreza e Vaidade”, de 1906, e seu primeiro artigo n’*O Paiz*, em 1915. Imaginamos que tenha se dedicado, nesse tempo, à educação dos filhos e ao externato que leva seu nome, no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

Seus primeiros textos n’*O Paiz*, agora sob o pseudônimo freirático de Lia de Santa Clara⁶, ao mesmo tempo que pode encobrir essas

⁶ É famoso, em Vila do Conde, sua terra natal, o convento de Santa Clara.

produções anteriores, dando-lhe uma feição mais conservadora para encampar uma colaboração no jornal de alcance nacional, pode criar um laço de sororidade com as demais mulheres — pois é a situação feminina o tema principal de sua colaboração nesse jornal. Apesar de seu público ter aumentado consideravelmente nessa folha, ela não esconde, em alguns momentos, que é portuguesa, a ponto de conclamar os jovens a lutarem por seu país na Grande Guerra: “Monarchicos e republicanos, hereticos e catholicos, num accordo unisono, reúnem-se em torno da bandeira da patria que, se outr’ora se desfraldou azul e branca sob um céu glorioso, hoje se ergue vermelha e verde sobre um grande mar de esperanças” (Santa Clara, 27/03/1916: 2).

No número em que essa crônica é publicada, em 27 de março de 1916, o texto de destaque é sobre os navios alemães, a imagem representada no quadro “Actualidades” tem como título “A expansão germanica” com a legenda “O Perigo da excessiva força expansiva” representando um soldado alemão explodido sobre o mapa da Europa. Outra escritora no mesmo número, Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, autocoïnominada Chrysanthème, na coluna “Palestra Feminina” que vai tratar da cobrança do imposto predial na cidade, começa por apontar que “A guerra européa interessa-nos sentimentalmente, cavando irritações aqui, fazendo nascer discussões sérias ali, e armando festas de caridade em todos os jardins e em todos os salões brasileiros. Quasi todo brasileiro é aliado, sem saber bem por que.” (Santa Clara, 27/03/1916: 2). Não há, portanto, contraste no tema do texto de Paulina Macedo por tratar da situação portuguesa, que interessaria também aos leitores brasileiros.

Além disso, o próprio jornal era de propriedade e dirigido por um português, o que deve lhe ter aberto as portas por ser casado com um empresário de sucesso. *O Paiz*, fundado em 1884, vivia no início do século XX o período de crescimento empresarial da imprensa tendo à frente João de Sousa Laje. Sobre sua entrada na empresa, no início do século, comenta Nelson Werneck Sodré (2011: 417-418): “de gerente, passa a diretor, aproveitando a crítica situação financeira do jornal; sabe o caminho da salvação e envereda por ele com muita

tranquilidade, senhor de sua arte”. Afinal, segundo Sodré (2011: 417-418), “a empresa jornalística que é *O País* demanda um passo à frente: é preciso comprar o próprio jornal e de forma estável, institucional por assim dizer. [...] Laje recebe negócios que proporcionam dinheiro - negócios do Estado”.

A associação entre a imprensa, o capital e o governo frutificou no jornal de Laje e era a marca da época. O Brasil vivia as primeiras décadas da república, mas o fim da monarquia não favoreceu as mulheres. Leila Mícollis, ao abordar a *belle-époque* brasileira, comenta que “a República traíra os ideais das mulheres”, elas “continuavam alijadas do espaço político, sem direito a voto, ao exercício das profissões (a não ser professoras, caso se submetessem a todas as regras coercitivas antes enumeradas) e confinadas aos espaços privados” (Mícollis, 2010: n.p.).

Para publicar n’*O Paiz*, sua nacionalidade não era empecilho, muito pelo contrário, por conta do prestígio que o capital português passou a ter junto ao governo, como também explica Sodré:

Assim, as forças que dominavam a imprensa do tempo eram o Estado e o capital comercial; os jornais eram empresas capitalistas, isoladamente considerados, mas inseridos no conjunto em que predominavam o Estado e o capital comercial, correspondendo aquele, principalmente às forças pré-capitalistas ainda majoritárias no país [a área agrícola e pecuária]. A forma assumida pelo capital comercial, no Rio de Janeiro, cidade em que a maioria do comércio estava nas mãos de portugueses, deu características de nacionalidade a um problema de ordem econômica: o capital, em seu conteúdo, era comercial; em sua forma, era português.” (Sodré, 2011: 410)

Nesse aspecto, seu nome, agora citado nas colunas sociais, indicam que as relações de João da Costa Macedo, empresário, devem ter facilitado o acesso de Paulina às páginas d’*O Paiz*. O pseudônimo pode ser uma forma de dissociar a publicista da senhora da alta

sociedade, principalmente por grande parte de seus textos versarem sobre a situação da mulher casada, desde o primeiro, no qual defende que a mulher “considerada sempre ao bel prazer das épocas e das sociedades, têm sido um brinquedo da apreciação e da justiça. [...] Hoje, é a pseudo liberta que prendem nas correntes da convenção” (Santa Clara, 12/02/1915: 2).

O problema descrito é o da queda. Quando nova e bela, a mulher “tem de passar serena e impassível por entre o turbilhão de adoradores”. Depois, casada, “trabalhar continuamente” e “a cada dia de cansaça [...] um marido que entra, impaciente e sorumbático, fazendo-lhe um escasso afago, quando não a atormenta”. Por isso algumas são arrastadas “pelo fluido irresistível de alguém [...] com requintes de gentileza e excessos de ternura —falsos muito embora”. Ela defende que a sociedade não puna a mulher por sua fragilidade, mas “é preciso que o homem saiba e se compenetre de que a mulher nasceu para amar” (Santa Clara, 12/02/1915: 2).

O ideal do casamento é desmentido por ela. Em “mulheres casadas”, comenta a condição das que se encontram nesse estado civil: “Quasi todas fostes logradas e, se todas não sois umas tristes desiludidas, é que a vossa intelligencia e o vosso espirito tiveram bastante engenho e criterio para architectarem a felicidade sobre as ruinas dum idéal mentido” (Santa Clara, 28/05/1915: 1). Sua recomendação é viver iludida e iludindo. “emquanto puderdes, e, tanto quanto puderdes, deixeis a vosso marido a illusão do vosso noivado”, indicando que a esposa não procure infidelidades no marido, finja que não as vê se for revelada, enfeite o lar, cuide dos filhos, porque, para ela, a liberdade da mulher seria impossível naquela época.

Mas todas vós podeis ser relativamente felizes se, com sciencia e stoicismo, vos sujeitardes á lei inevitavel do mundo e da sociedade; se, embora comprehendendo que isto está errado, que as instituições são uma injustiça e a lei um acerbo dessa injustiça, sabendo que é uma tyrannia a sorte da mulher, a aceitardes de olhos, embora abertos, mas de braços pendidos.

Tentar modificar isto numa época, é uma utopia.

[...] E para que d’aqui a cem annos a injustiça tenha desaparecido, vamos fazendo ver aos Sr.s homens que nos sujeitamos, mas não estamos de accordo. A semente da redempção ir-se-ha lançando. (Santa Clara, 28/05/1915: 1)

É possível ser feminista pacificamente? A série de relatos sobre a vida triste da mulher casada, iludida ao longo do noivado, é uma denúncia, mas sem luta. A mudança, se viesse, seria em outra época. Sua outra proposta para remediar essa situação, ou melhor, evitá-la, é defendida em seu último texto, “Namoros”, explicando às mães que é preciso vigiar sim os jovens enamorados, mas deixá-los conversar, conhecerem-se, pois assim “ha mais affinidade de idéas, mais complacencia, raizes mais profundas de affecto, por isso mesmo que a chamma é menos devoradora. Cautela, pois, com as represalias e as prohibições insensatas que quasi sempre são contraproducentes.” (Santa Clara, 09/08/1922: 3).

Lia de Santa Clara, que “faz crítica com espirito e faz prosa com arte” (Mendoza, 1930: 100), nas palavras de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça em sua conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1928, oferece motivos para sororidade e chama a atenção para a produção de outras mulheres. Lia, por sua vez, elogia Chrysantème por suas crônicas, “onde tem pergaminhos de raça adquiridos pela penna máscula de sua mãe, Carmen Dolores” e pela publicação de seus *Contos Azuis*, para ela um presente às mães e às crianças, “escriptos ao luar por mulher romantica, para imaginações latinas, tambem romanticas, fantasiosas e insaciaves” (Santa Clara, 25/02/1922: 3). Exalta a “Portuguesa Illustre”, Maria Amália Vaz de Carvalho, pois esta “não se arvora em moralista conventual; tampouco em feminista pretensiosa; todavia, aponta a estrada luminosa da vida, no seu traço nobre, distincto e encantador” (Santa Clara, 17/03/1918: 1). Também destaca “Três Poetisas” (Santa Clara, 29/06/1922: 3), Rosalina Coelho Lisboa, Gilka Machado e Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, ao comentar a premiação da Academia Brasileira de Letras, com a qual parece não concordar. A

ABL premiou Rosalina Coelho Lisboa. O público, “os válidos”, segundo ela, preferiu Gilka Machado, que recebeu menção honrosa, mas não ficou em primeiro lugar porque os imortais teriam sentido arrepios pelo erotismo de seus versos. É uma forma de se desculpar pela crítica feita seis anos antes ao fazer a recensão crítica do livro *Cristaes Partidos*, no qual elogia a forma, o ritmo, as imagens e a linguagem “forte, viril, ousada e quase revolucionária”, mas diz que Gilka “precisa de um dique que contenha o fluxo das suas aspirações irrequietas, [...] que deveria acrisolar a sua poesia no cadinho do recato e da prudência”. Argumenta Lia que Gilka:

Está no seu direito censurando a sociedade pela injustiça para com a fraqueza feminina; invectivando-a pela crueldade, desprezando a mulher, cujo crime foi muitas vezes o resultado de muito amor e muita confiança; mas não deve tentar defender a independência feminina, a sua superioridade ao homem, pois é uma velleidade inconcebível. (Santa Clara, 13/02/1916: 1)

A crítica foi logo rebatida pela própria Gilka Machado (16/02/1916: 2), que imaginava ser um homem por trás do pseudônimo e que se indignara por a crítica tratar como caso particular a questão do beijo no poema de mesmo nome. Lia logo redigiu um pedido de desculpas explicando que não tem a “ingenuidade de supor que os poetas façam das suas pessoas os protagonistas das suas imagens” (Santa Clara, 17/02/1916: 2) e que se equivocara na análise dos versos.

Essas parcerias textuais, a relação entre escritoras, contribuem para a afirmação de vozes femininas num órgão de imprensa voltado para um público amplo, heterogêneo, mas defensor do mesmo sistema que mantinha as mulheres alijadas dos direitos políticos.

Ao observarmos a trajetória dessa escritora, quer como Paulina Campelo Macedo quer como Lia de Santa Clara, notamos que não era mesmo uma feminista exaltada. Também não escreveu para a imprensa feminina. Talvez tentasse ser como ela via Maria Amália

Vaz de Carvalho, nem feminista nem moralista. As críticas que faz à condição das mulheres, como serem consideradas levianas por terem amado mais de uma vez, ou terem acreditado nas palavras e nos olhares enamorados de algum homem, e a desilusão da vida de casada que ela faz questão de enunciar, por não incentivarem a luta, atingem um público predominantemente masculino. Escrevendo para a colônia portuguesa no Rio de Janeiro saudosa da terra natal e de seus costumes, era preciso estar alinhada ao nacionalismo imigrante para ter voz naquelas páginas, contudo, suas mulheres entregavam-se aos amantes e ao mar. Quando mais tarde, provavelmente por estar casada com um empresário, um dos donos do capital comercial, consegue publicar n’*O Paiz*, seu veículo de difusão era ainda um jornal conservador, governista, de uma república feita por homens e para homens. Se não podia abertamente defender o divórcio, mostrava aos homens que a vida de casada não é o ideal de felicidade. Seus relatos, suas recensões, são palavras em sororidade, inspiradas por seu pseudônimo freirático, falando a todos, mas sob seu ponto de vista feminino.

Recibido: 14/07/2016

Aceptado: 16/11/2016

Periódicos Consultados

Diario da Manhã (1926): Vitória

Diario de Noticias (1916): Rio de Janeiro

Diario de Pernambuco (1915): Recife

Jornal das Moças (1916): Rio de Janeiro

O Paiz (1915-1922): Rio de Janeiro

Portugal Moderno (1904): Rio de Janeiro

Revista da Semana (1915): Rio de Janeiro

União Portuguesa (1899-1908): Rio de Janeiro

Referências Bibliográficas

Abreu, Sérgio e Eduardo da Cruz (2015), “Harmonias, Lágrimas, Risos e Aplausos: a colaboração de Paulina Campelo no *União Portuguesa*”, em Eduardo da Cruz org., *No Giro do Mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura*, Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, vol. 3, pp. 26-34.

Anderson, Benedict (2008), *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*, trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras

Campello, Paulina [nom. solteira Macedo, Paulina Campelo] (01/02/1899), “A lingua portuguesa”, *União Portuguesa*, 204, p. 2.

— (25/04/1899), “Lamentos”, *União Portuguesa*, 239, p. 2.

— (10/09/1899), “A nossa patria”, *União Portuguesa*, 302, p. 3

— (23/11/1899), “Leviana”, *União Portuguesa*, 321, p. 2.

— (11/02/1900), “Incompatibilidade”, *União Portuguesa*, 344, p. 2.

— (01/03/1900), “Na Guerra”, *União Portuguesa*, 349, p. 2.

— (29/03/1900), “O premio”, *União Portuguesa*, 357, pp. 1-2.

— (22/04/1900), “D. Carlos”, *União Portuguesa*, 364, p. 2.

— (02/12/1900), “Consequencias”, *União Portuguesa*, 428, p. 3.

Cruz, Eduardo da (2015), “Imprensa Luso-Brasileira no Rio de Janeiro oitocentista”, em Eduardo da Cruz e Tania Maria Bessone da Cruz Ferreira orgs., *No Giro do Mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura*, Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, vol. 2.

Duarte, Constância Lima (2009), “Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas: histórias de uma história malcontada”, *Gênero*, Niterói, 9, n. 2, 1 sem., pp. 11-17.

“Fallecimentos” (1931a), “Fallecimentos - D. Paulina Campello”, *Diário de Notícias*, (15/09/1931), 456, p. 5.

“Fallecimentos” (1931b), “Fallecimentos - D. Paulina Macedo”, *Jornal do Brasil*, (15/09/1931), 221, p. 12.

Macedo, Paulina (28/02/1901), “Que susto”, *União Portuguesa*, 453, p. 3.

— (24/03/1901), “Episodio no mar”, *União Portuguesa*, 461, p. 3.

— (25/04/1901), “Delirio”, *União Portuguesa*, 470, p. 2.

— (20/06/1901), “Na queda”, *União Portuguesa*, 486, p. 1.

— (31/07/1904), “Educação”, *União Portuguesa*, 812, p. 2.

Machado, Gilka da Costa M. (16/02/1916), “Carta aberta ao illustre articulista que se assigna Lia de Santa Clara”, *O Paiz*, 11454, p. 2.

Mendonça, Anna Amelia de Queiróz Carneiro de (1930), “Prosadoras e Poetisas Brasileiras”, *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 107, vol. 161, Rio de Janeiro, pp. 79-104.

Menezes, Lená Medeiros de (2007), “A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida”, em Fernando de Sousa, Ismênia de Lima Martins e Conceição Meireles Pereira coords., *A emigração portuguesa para o Brasil*, Porto: CEPSE/Edições Afrontamento, pp. 103-120

Mícollis, Leila (2010), “Mulheres da Belle-Époque e suas parcerias textuais lyrio-líricas”, em *Ensaio e Teses* (bog). http://literaciareteses.blogspot.com.br/2010/06/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x_1040.html [última consulta 02/06/2016].

Oliveira, Ana Cristina (2014), “Paulina Campelo” (verbete), em João Esteves e Zília Osório de Castro dirs., *Feminae: dicionário contemporâneo*, Lisboa: CIC, p. 408.

Pereira, Miriam Halpern (2002), *A Política portuguesa de emigração (1850-1930)*, Bauru, SP: EDUSC; Portugal: Instituto Camões.

“Retiro” (1904), “Retiro Litterario Portuguez” (30/07/1904), *Portugal Moderno*, 242, p. 2.

Schumacher, Schuma; e Brazil, Érico Vital, eds. (2000), *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2 ed.

Santa Clara, Lia [seud. Macedo, Paulina Campelo] (12/02/1915), “Pela mulher”, *O Paiz*, 11085, p. 2.

— (28/05/1915), “Mulheres casadas”, *O Paiz*, 11190, p. 1.

— (13/02/1916), “Cristaes partidos”, *O Paiz*, 11451, p. 1.

— (17/02/1916), “Sobre os Cristaes Partidos — resposta á brilhante poetiza Gilka da Costa M. Machado”, *O Paiz*, 11455, p. 2.

— (27/03/1916), “Portugal”, *O Paiz*, 11494, p. 2.

— (17/03/1918), “Portuguesa illustre”, *O Paiz*, 12211, p. 1.

— (25/02/1922), “Contos Azues”, *O Paiz*, 13642, p. 3.

— (29/06/1922), “Tres poetisas”, *O Paiz*, 13766, p. 3.

— (09/08/1922), “Namoros”, *O Paiz*, 13801, p. 3.

Silva, Maria Beatriz Nizza da (1986), “A mulher no contexto da imigração portuguesa no Brasil”, em *Análise Social*, XXII, 92-93, 3º-4º, pp. 653-659.

Sodré, Nelson Werneck (2011), *História da imprensa no Brasil*, São Paulo: Intercom; Porto Alegre: Edipucrs.